

## A RELEVÂNCIA DO LÚDICO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL<sup>1</sup>

Gabriella Úlima Magalhães Vieira<sup>2</sup>  
Cássia Maria Tasca Duarte Sartori<sup>3</sup>

### RESUMO:

Realizamos um panorama histórico da criança no decorrer dos séculos, pois esta nem sempre foi priorizada e estudada como é nos dias atuais. Um panorama foi traçado entre os séculos passados e pós modernidade e também abordado os impactos na vida da criança, com intuito discutir a evolução dos estudos sobre sua importância na sociedade e como o brincar fornece material para a criança em seu desenvolvimento. A questão da globalização e a influência da mídia nessa fase crucial que é a infância, também foi apontado, sendo discutido aqui o papel da infância nos dias atuais. A mídia impõe a criança o que ela deve vestir, comer e brincar, portanto há um apelo muito forte no que diz respeito a propagandas voltadas para esse público infantil. Os que não conseguem ter o que está na moda são até mesmo excluídos de conversas com amiguinhos. O papel dos responsáveis, educadores e principalmente psicólogos para estimulação do lúdico é essencial, bem como os impactos na aprendizagem e desenvolvimento infantil.

Palavras chave: Infância. Lúdico. Desenvolvimento.

## THE RELEVANCE OF PLAYING IN CHILD DEVELOPMENT

### ABSTRACT:

To start the discussions about childhood, we'll begin with a historical panorama of children through the centuries will be made, since this wasn't prioritized and studied as it is today. In this article, we will talk about the importance that playing provides to children and their development. A panorama will be made about past centuries and post-modern and also address the impact on the life of children, with the intent of discussing the evolution of studies about its importance in society and how playing provides material for the child in his adult life. We will address the matter of globalization and the influence of the media in this crucial development phase that is childhood, discussing the role of childhood nowadays. Media imposes children what they have to wear, eat and play with, thus it has a really strong impact on what it says about advertisement aimed at a children public. Those who don't have what is in fashion are excluded from conversations. The role of children

---

<sup>1</sup> Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF) na Linha de pesquisa Práticas clínicas. Recebido em 26/05/2019 e aprovado, após reformulações, em 26/06/2019.

<sup>2</sup> Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF). E-mail: gabriella.ulima@gmail.com

<sup>3</sup> Mestre em Psicologia clínica pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF) e docente do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF). E-mail: cassia.sartori@gmail.com

responsible and educators in the stimulation of playing will be analyzed as well as their impact on children's learning and development.

Keywords: Childhood. Playing. Development.

## 1 INTRODUÇÃO

Iniciaremos a discussão de um panorama histórico da infância, no qual não tinha a importância que é dada hoje, sendo considerado um adulto pequeno, até mesmo suas roupas tinham essa característica. O brincar não era priorizado, uma vez que essa criança exercia atividades laborativas e tarefas assim como os responsáveis. Avançando os estudos e foco principal no tema, a criança foi ocupando seu lugar lúdico garantindo seus direitos como ser único e a infância como sendo uma etapa primordial em seu desenvolvimento futuro. Passou-se assim a ter a devida importância introduzindo o brincar e outras atividades que pudessem ajudar em seu desenvolvimento motor e psicológico. Alguns brinquedos/brincadeiras merecem destaque como, por exemplo, a amarelinha, que ajuda a criança em seu equilíbrio corporal ou jogar bola, que fornece material para desenvolver bem a noção espacial.

Apesar disso, a criança está se desenvolvendo bem em sua psicomotricidade? Seus responsáveis e educadores estão incentivando e reservando um tempo para o lúdico?

O poder exercido pela mídia nas crianças é uma questão que tem sido verificada em qualquer localidade é a questão do poder que a mídia exerce sobre as crianças. A relevância do tema deve-se pela suscetibilidade deste público infantil. Percebemos a influência que a mídia possui atualmente, e isso fica mais claro quando as pessoas passam a ter ideias ou opiniões formadas sobre determinado assunto. A mídia nos coloca uma cultura de consumo, construindo nossas vidas e subjetividades, as relações estão cada vez mais sustentadas pelos meios de comunicação.

## 2 DESENVOLVIMENTO

Veremos aqui um panorama da infância, o brincar, O papel dos educadores e responsáveis e o lúdico no processo terapêutico

### 2.1 PANORAMA DA INFÂNCIA

A princípio vamos conhecer o que significa a palavra infância “... vem do latim, do verbo *fari* = falar, onde *fan* = falante e *in* constitui a negação do verbo. Portanto, *in-fans* refere-se ao indivíduo que ainda não é capaz de falar” (SANTOS, 2017, p. 4). A partir desse conceito, podemos ver que essa faixa etária não era valorizada até o século XVI. Eram vistos como sem poder de opinar ou sem a capacidade de raciocínio:

O importante era que as crianças crescessem rapidamente para participarem do trabalho e atividades dos adultos. A criança aprendia através da prática, e os trabalhos domésticos eram considerados uma forma comum de educação. Os colégios eram reservados a um pequeno número de clérigos. Foi entre os séculos XVI e XVII que a criança começa a ser percebida como um ser diferente dos adultos. A educação desse período pretendia torná-las pessoas honradas, portanto, a educação passou a ser teórica e não prática. Já no século XVIII, a criança foi vista como alguém que precisava ser cuidada, escolarizada. Época em que se isolaram as crianças dos adultos e os ricos dos pobres. No século XX, surge um novo sentimento em relação à infância, havendo um crescimento significativo quanto ao conhecimento da criança (TEIXEIRA; VOLPINI, 2014, p. 78).

Antes do século XVI, onde começou ocorrer uma tomada de conhecimento sobre a infância, a taxa de mortalidade infantil era muito alta; visto que além de as preocupações higiênicas não serem priorizadas, as preocupações em especial com a criança também não eram enfatizadas; também havia outra questão que era o infanticídio, visto que a criança não era um membro da família, mas sim como um auxiliar em atividades laborativas, sendo descartado quando não era mais interessante. Somente a partir do século XVII a Igreja Católica interfere, não aceitando o infanticídio como normal (SANTOS, 2017, p.45).

Isso sem dúvida significa que os homens dos séculos X-XI não se detinham diante da imagem da infância, que esta não tinha para eles interesse, nem mesmo realidade. Isso faz pensar também que no domínio da vida real, e não mais apenas

de uma transposição estética, a infância era um período de transição, logo ultrapassado, e cuja lembrança também era logo perdida (ARIÈS, 1981, p.52).

Portanto, temos uma evolução nesse aspecto, pois se antes a criança era vista como um ser irracional, mero objeto de trabalho; após o século XVI, passa a ter uma relevância e estudos voltados para ela, para que assim possa compreender e fornecer ferramentas para seu pleno desenvolvimento e aprendizagem. Além disso, o papel da família passa a ter maior relevância para suporte psicológico dessa criança, após o século XVIII, bem como o modelo de família harmônica. A criança passa a ser um ser social, cultural e não mais um ser econômico.

Porém, mesmo a criança sendo vista como ser único e importante no contexto social, o trabalho ainda é uma forma comum nessa idade, no Brasil antes do ano de 1990, não haviam regras ou estatutos que criminalizavam o trabalho infantil. Isso só foi normatizado no Brasil no ano de 1990, conforme a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, do Estatuto da Criança e do Adolescente no capítulo V, artigo 60: “É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz.” (BRASIL, 1990). Apesar de ser um decreto, ainda é um desafio a ser cumprido após quase 30 anos do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), pois ainda hoje existem muitas famílias marginalizadas, onde para o sustento de todos, os filhos tem que trabalhar mesmo sendo crianças.

De acordo com Ariès (1981, p.39), o ser humano passa por algumas transformações ao longo da vida, sendo cada etapa primordial para seu desenvolvimento futuro:

(...) Primeiro, a idade dos brinquedos: as crianças brincam com um cavalo de pau, uma boneca, um pequeno moinho ou pássaros amarrados. Depois, a idade da escola: os meninos aprendem a ler ou seguram um livro e um estojo; as meninas aprendem a fiar. Em seguida, as idades do amor ou dos esportes da corte e da cavalaria: festas, passeios de rapazes e moças, corte de amor, as bodas ou a caçada do mês de maio dos calendários. Em seguida, as idades da guerra e da cavalaria: um homem armado. Finalmente, as idades sedentárias, dos homens da lei, da ciência ou do estudo: o velho sábio barbudo vestido segundo a moda antiga, diante de sua escrivaninha, perto da lareira (ARIÈS, 1981, p.39).

O papel da família consiste em fornecer amor e união, bem como é um lugar de identificação e construção da identidade da criança, sendo assim um espaço fundamental para o desenvolvimento social, psicológico e moral. (OSÓRIO E VALLE, 2009, p. 33)

A família contemporânea ou pós moderna apresenta novos modelos de parentalidade, sendo constituídas, muitas vezes por re-casamentos, monoparentalidade, casais homoafetivos. Nessa formação familiar atual, uma questão é a descentralização do poder, transferido a outras instituições ou mesmo falido:

A família contemporânea ou pós-moderna caracteriza-se, desde os anos 60, como a família mutilada de hoje. Compõe-se da união de dois indivíduos com uma duração relativa, onde a transmissão da autoridade torna-se problemática à medida que divórcios, separações e recomposições conjugais aumentam. É uma cada um se sente autônomo ou funcionalizado e o homem assume um papel mais maternalizante. Pode família de múltiplas aparências, com o lugar de poder descentralizado. Uma família horizontal e fraterna na qual ser caracterizada como co-parental (poder paterno dividido com a mãe), bi-parental, multiparental, pluriparental ou monoparental, sendo assim uma família construída, desconstruída e reconstruída onde os filhos são educados sob a autoridade de dois pais e duas mães convivendo com meios-irmãos ou meias irmãs (PARAVIDINI et al, 2008, p. 199).

Percebemos na sociedade atual a mudança no cenário familiar. Se antes os pais estavam presentes diretamente na criação e educação de seus filhos, hoje nem sempre o que acontece; primeiramente com a mudança da constituição da família, que gradativamente sai de um contexto formado de pai, mãe e filhos para um contexto de pais separados, ou filhos criados por familiares, casais homo afetivos; a constituição da família passa a ser um dos elementos mais importantes no desenvolvimento infantil (CUNICO; ARPINI, 2013, p. 32).

Com várias mudanças ocorridas no cenário familiar, não significa que a família perdeu seu papel ou tornou-se menos funcional, pelo contrário, conseguiu manter os suas funções. De acordo com Osório e Valle (2009, p. 28):

Na última década, assistimos a uma grande revolução em termos de comunicação motivada pela internet, a mudanças profundas no padrão de comportamento sexual e de escolha de parceiros entre jovens e adultos jovens, à inserção da mulher em funções e cargos antes ocupados apenas por homens, à ampliação das exigências de formação profissional para ingresso no mercado de trabalho e à reorganização da forma como a família se autodefine e como é vista pelo Estado. Ao contrário de previsões alarmistas e pessimistas de alguns cientistas

sociais ao final do século XX, em vez de se deteriorar ou de se enfraquecer, a família, com sua imensa capacidade de adaptação, vem se transformando sem deixar de cumprir as funções consideradas estruturadas e definidoras da própria instituição família: sua função biológica de garantir a proteção e o cuidado das novas gerações e sua função social de transmissão de padrões e normas da cultura.

Atualmente temos outra questão relacionada ao brincar, sabemos da importância para o desenvolvimento da criança, porém estamos em uma época onde tudo é imediato, sejam as refeições *fast food*, relações sociais através da internet, compras, etc. O brincar que antes não era valorizado passa a ter sua importância após décadas de discussões acerca da infância e nota-se um retrocesso com as mudanças no brincar. As brincadeiras ao ar livre, a exploração dos ambientes etc. não são mais comuns, sendo substituídas, muitas vezes, pelos aparelhos tecnológicos. É uma era globalizada, onde todas as informações estão conectadas. As brincadeiras também mudaram, é raro ver uma criança jogando bola, soltando pipa, preferindo brincadeiras manuais ou com amigos. Talvez pela segurança ou facilidade, desde cedo os pais ensinam os filhos a jogarem jogos no celular ou tablet. Essas crianças começam a ter como diversão ou distração esses aparelhos eletrônicos, que pouco contribuem ou prejudicam o desenvolvimento (SANTOS, 2017, p.53).

Atualmente o cenário familiar sofreu algumas modificações, se antes o pai saía para trabalhar e a mãe ficava em casa para cuidar da casa e dos filhos, e esses passavam mais tempo em casa e tinham tempo para brincar, agora a maior parte passa o dia em creches ou escolas de período integral e os pais se dedicam ao trabalho, restando pouco tempo para o lúdico (NAVARRO, 2009, p. 2124).

Enquanto antes não tinha relevância essa etapa de desenvolvimento, hoje em dia nos deparamos com outro cenário. Enquanto os responsáveis não estão presentes as crianças são acostumadas a ficarem sozinhas e muito comumente utilizam a tecnologia para entretenimento. É muito comum observar no cotidiano, em lugares públicos ou em suas residências, uma criança com o celular dos pais. Assim sendo, a criança não incomoda, não dá trabalho. Fica ali se distraindo enquanto os pais não necessitam de atenção. E essa cena que é cada vez mais comum pode prejudicar o desenvolvimento

intelectual da criança, uma vez que ela aprende e se desenvolve com brincadeiras manuais, não se socializando, se isolando (TEIXEIRA; VOLPINI, 2014, p. 77).

Além desses fatores, a criança atualmente precisa cumprir atividades extracurriculares que os pais as colocam, bem como precisam cumprir algumas responsabilidades e obrigações que não condizem com sua faixa etária, muitas vezes deixando de aproveitar a infância (PALMA, 2017, p. 214).

No cenário atual, um comportamento que está cada vez mais frequente é o uso de tecnológicos (celular, *tablets*, *laptop*, para conexão às mídias sociais e *sites*, *blogs*, etc). Com o acesso que a tecnologia nos permite atualmente o excesso de satisfação cria uma culpabilidade que culmina em sintomas individuais e violência social.

Podemos considerar que a contemporaneidade aboliu essas condições de felicidade, ao satisfazer excessivamente as necessidades – e criar muitas outras inexistentes –, ao extinguir a existência de um grande outro no qual toda a culpa e responsabilidade pode ser depositada e ao retirar a existência de um Outro lugar. Com o acesso que a tecnologia nos permite atualmente, poucos lugares nos soam psiquicamente como outro lugar: talvez países com regimes políticos fechados ou ilhas isoladas (BARBOSA, 2013, p.92).

## 2.2 O BRINCAR

Primeiramente, devemos compreender o significado da palavra brincar, de acordo com o Dicionário Aurélio, brincar é “Divertir-se; Entreter-se com alguma coisa infantil; Enfeitar com ornatos; rendilhar”. Devemos observar também que o brincar sempre está relacionado com a cultura que o sujeito está inserido, uma vez que carrega as tradições e crenças de determinada população, bem como seus medos e anseios (CARNEIRO, 2012, p. 1).

Com o avançar dos estudos, foi possível compreender a necessidade do lúdico na infância e até mesmo como uma ponte para a vida adulta, visto que faz emergir de conteúdos inconscientes. O brincar para a criança é um exercício para sua socialização e seu aprendizado. Através da brincadeira ela aprende a investir de outras formas suas pulsões, seus desejo, suas vontades e até mesmo suas inseguranças e medos. Quando a criança brinca, ela projeta no objeto ou no outro, situações pessoais (QUEIROZ; MACIEL; BRANCO, 2006, p. 170).



Como a criança é um ser em desenvolvimento, sua brincadeira vai se estruturando com base no que é capaz de fazer em cada momento. Isto é, ela aos seis meses e aos três anos de idade tem possibilidades diferentes de expressão, comunicação e relacionamento com o ambiente sociocultural no qual se encontra inserida. Ao longo do desenvolvimento, portanto, as crianças vão construindo novas e diferentes competências, no contexto das práticas sociais, que irão lhes permitir compreender e atuar de forma mais ampla no mundo (QUEIROZ; MACIEL; BRANCO, 2006, p. 170).

Cada fase da infância a criança é capaz de realizar o lúdico de forma diferente. E através do brincar, a criança é capaz de socializar. A importância de a criança estar desde pequena em escolas vem disso, da necessidade de socialização, que é possível ainda mais nesse ambiente facilitador, onde a criança além de aprender, brinca e interage com outras crianças, iniciando assim seu processo de aprendizagem mais facilmente (QUEIROZ; MACIEL; BRANCO, 2006, p. 177).

Os desafios dos séculos passados foram avançando de acordo com estudos e pensadores que começaram a intervir nessas concepções. Mas hoje, nos deparamos com um cenário de possível retrocesso. De acordo com Carneiro (2012, p. 2): “Os brinquedos não estão sendo feitos mais para alegrar as crianças como antigamente, mas para fomentar o consumo e, por vezes, para aumentar o isolamento dos pequenos.”. Os brinquedos mudaram com o avanço tecnológico, mas também por outros fatores, de acordo com Carneiro (2012, p. 2), como a redução dos espaços destinados ao brincar. Se antigamente as crianças tinham um quatinho para brincar, com seus brinquedos espalhados, ou quadro negro para brincar de escolinha, hoje em dia esses espaços foram reduzidos ou até mesmo extintos, pois o que vemos muito comumente é um baú com os brinquedos, porém depois de utilizados devem ser guardados. A casa não parece muitas vezes que mora uma criança, pois o objetivo é se manter arrumada sem aparecer os brinquedos.

Um aspecto abordado por Carneiro (2012, p. 5) é a falta de tempo destinada para o brincar. Hoje em dia as crianças além da escola e algumas atividades extracurriculares nesta, ainda se ocupam com outras coisas como ballet, natação, lutas, aulas de idiomas, etc. Ou seja, quando chegam a casa estão cansadas, tem dever de casa para fazer e muitas vezes não conseguem ter um tempo livre para brincar. O que acontece é que muitas vezes os pais colocam os filhos para fazerem alguma atividade que tem a ver com



eles, com algo que faziam na infância e querem que o filho também faça, ou então algo que desejavam, mas não conseguiram, aí cumprem no filho o próprio desejo.

Outro ponto também que dificulta o brincar é alguém para acompanhar a criança. Geralmente os pais são muito atarefados e se ocupam mais em casa com tarefas do lar ou afazeres. As crianças quando brincam, necessitam exercitar sua criatividade e imaginação. Quando brincam sozinhas também é possível fazê-lo, porém se torna um pouco mais complexo. Pois muitas vezes os responsáveis para não precisarem monitorar o que os filhos estão brincando, preferem deixar seus celulares com eles para jogarem jogos, assistirem vídeos, etc. Isso torna mais simples para os pais, porém para as crianças fortalecem o individualismo, e empobrece a criatividade, pois muitas vezes preferem a tecnologia a brincar manual ou em grupo com amigos. O que dificulta o desenvolvimento da motricidade e noção de espaço (QUEIROZ; MACIEL; BRANCO, 2006 p.172).

Encontramos na televisão outras vias que operam a artificialização da existência, inclusive nas programações dirigidas às crianças, onde a publicidade desfila suas cenas nos intervalos apresentando uma série interminável de brinquedos e objetos de consumo "a serem desejados pelas crianças", prometendo-lhes o acesso a um gozo sem fim. Este excesso de estímulos acaba por gerar uma fragilização que revela-se no próprio tecido do brincar, que passa a compor-se de minúsculas cenas, rápidas, velozes, nas quais as crianças ensaiam metáforas incipientes. A fragilização da narrativa revela-se nas novas configurações do brincar, marcadas pela exigência da novidade incessante e pelas constantes rupturas que se operam em função dos imperativos do consumo. (MEIRA, 2003, p.76).

De acordo com Meira (2003, p.76), o consumo imposto pela mídia acaba prejudicando também o brincar na infância. Os brinquedos já não são mais os mesmos como bola de gude, amarelinha, jogar bola na rua com os amigos, patins, carrinho de rolimã, pular corda, etc. A criança então tem sua capacidade de desenvolver-se afetada a medida em que as brincadeiras não estimulam tanto a criatividade.

Ao invés de brincar ao ar livre ou sair aos fins de semana, muitas crianças preferem brincar com seu vídeo game, tablet, celular, computador, etc. Ficam em suas casas, fazendo atividades ou entretendo com aparelhos comuns dos adultos. Ou seja, se antigamente tínhamos crianças que eram tratados como pequenos adultos por não terem o tempo hábil para o brincar, nos dias de hoje existe a repetição, a medida que se ocupam com atividades extracurriculares e também possuem aparelhos tecnológicos semelhante

ao dos adultos, acrescenta-se as propagandas voltadas para essa faixa de consumo, assim como exigem muitas vezes de presente em datas comemorativas celulares ou outro aparelho eletrônico (OSANAI; OLIVEIRA, 2014, p. 126).

Assim fica evidente que, situações onde as mídias tentam de qualquer forma vender seus produtos, que em sua maioria são destinados as crianças tomando como exemplos as bonecas que falam e choram, determinado carrinho se torna um robô acabam se tornando fatores que fazem com que os pais, a pedido dos filhos, acabem adquirindo o produto, ou seja, para as crianças a magia transmitida pela mídia em propagandas comerciais acabam colaborando com o consumo infantil cada vez mais presente na sociedade moderna. Tal situação em muitos casos se dá por intermédio dos próprios adultos que cada vez mais ocupados com seus trabalhos e respectivos afazeres, acabam cedendo ao pedido dos filhos buscando suprir a sua ausência com brinquedos tecnológicos, o que, por conseguinte, acaba refletindo em uma criança cada vez mais adultizada, com roupas cada vez mais semelhantes aos dos adultos (OSANAI; OLIVEIRA, 2014, p. 128-129).

As crianças são seduzidas pela mídia sobre o que devem brincar, vestir, brincar e até mesmo assistir. Alguns pais não monitoram os conteúdos que os filhos assistem em canais na mídia que trazem conteúdos impróprios para sua idade que incentivam determinado comportamento agressivo ou até mesmo conteúdos sexuais. São sobrecarregadas de informações e conteúdos que não são próprios de sua faixa etária (OSANAI; OLIVEIRA, 2014, p. 131).

### 2.3 O PAPEL DOS EDUCADORES E RESPONSÁVEIS

Torna-se essencial o papel dos pais e professores fornecendo estímulos para as crianças no que diz respeito ao lúdico. Cabe a estes ajudar e oferecer materiais, brinquedos e brincadeiras que desenvolvam suas habilidades nessas crianças. Seja trabalhando as relações com os coleguinhas, a criatividade, o desenvolvimento e consciência de si, a psicomotricidade, o equilíbrio, as emoções, entre tantos outros benefícios que o brincar fornece a infância.

Não é preciso lembrar que as crianças brincam com mais facilidade quando a outra pessoa que se prontifica a brincar pode e está livre para ser brincalhona. O que é preciso lembrar é que brincar com a criança é diferente de ser a criança. E

é isso que inibe alguns pais: eles até querem brincar, mas não foram educados para isso e têm algum tipo de receio ou vergonha (BORGES, 2008, p. 125).

De acordo com Borges (2008, p. 125), o maior desafio para que o adulto brinque com a criança é o fato de se sentir em um lugar inferior, regredido; e isso implica em questões da sua própria infância. Isso se deve ao fato de como o adulto viveu sua infância onde os costumes ou brinquedos eram diferentes ou mesmo sua educação se difere da atual. Devemos estar atentos a fornecer as comunidades informações sobre a importância do lúdico e o benefício do mesmo. (PINATI et al, 2017, p. 61).

Além desse fator, também há outro que pode contribuir para os educadores ou responsáveis não darem importância para esse momento, que seria a falta de tempo. Primeiro, vamos tomar como exemplo um professor em sala de aula com vários alunos e necessidades variadas. Esse professor ainda depende das políticas e normas da escola para fornecer materiais para os alunos brincarem. Caso não seja prioridade na escola, dificilmente o professor irá estimular o lúdico com os alunos.

A grade curricular também é algo a ser cumprido na escola, pois o professor tem conteúdos para passar para os alunos em determinado tempo, logo essa parte será priorizada em detrimento da outra. Seguindo ainda essa linha de raciocínio, os educadores muitas vezes não tem espaço para realizar atividades na escola, que dificulta ainda mais esse processo. Portanto, necessita-se que haja uma interlocução entre o professor, direção e professores da pedagogia, psicologia para que seja redistribuído a grade com espaço para o lúdico. Através do lúdico também o professor pode detectar alguma dificuldade no aluno, comparando com o esperado em determinada faixa etária (PINATI et al, 2017, p. 61).

Na mesma linha de pensamento da falta de tempo, agora tomemos o lado dos pais. O cenário familiar como foi dito anteriormente, foi modificado no decorrer dos anos, portanto, às vezes a criança vive com os avós, ou com o pai, ou só com a mãe (monoparentalidade). Esse responsável precisa trabalhar fora de casa na maioria das vezes, é forçado a deixar a criança ora em creche ora em escola por período integral. Quando essa criança e esse responsável chegam a casa, precisam se dividir entre tarefas de casa, dever da criança e outras responsabilidades. O tempo escasso no que se refere ao

brincar, ou às vezes estão cansados e não exercem essa atividade nos finais de semana (CHAVES, 2013, p. 31134).

De acordo com CHAVES (2013, p. 31132- 31137), foi realizada uma pesquisa qualitativa exploratória descritiva na qual o objetivo foi de verificar o tempo investido pelos responsáveis relacionados ao brincar. O primeiro questionário era sobre a renda mensal familiar, que variou entre menos de um salário mínimo a 3 ou mais salários mínimos, sendo que alguns não responderam. A maioria (33%) tinha renda mensal em um salário mínimo; dois salários mínimos (30%), menos de um salário mínimo (19%), três ou mais salários mínimos (11%) e não respondeu (7%). Foi feito também um levantamento de profissões, sendo a maioria do lar (17%) e a minoria entre: auxiliar de lavadeira, desempregado(a), pedreiro, cozinheiro (a), caldeirista, pensionista, motorista, cabeleireira, secretária (4%). Outro levantamento foi realizado sobre número de filhos, sendo 2 filhos (44%), 3 ou mais filhos (30%) e 1 filho (26%). Além disso, sobre o tempo que trabalham, a maioria dos responsáveis (mais de 50%) diz ser mais de oito horas diárias. Sobre brincar com os filhos, 70% respondeu afirmativo. Nessa pesquisa, chegou-se a conclusão de que alguns fatores atrapalham o lúdico como falta de tempo, falta de conhecimento e desinteresse. Além disso, ainda há pouco investimento no contexto familiar.

É preciso a conscientização dos pais e educadores, porém é preciso também entender o cenário em que cada família vive, justifica-se assim o tempo que certos responsáveis, para manter o susto da família dedicam-se exaustivamente em um ou vários empregos. Ou seja, muitas vezes não brincam com os filhos não porque os consideram importantes, mas porque o pouco tempo que ficam em casa e se não se dedicam totalmente a isso, é porque se ocupam também com outras atividades do lar (CHAVES, 2013, p. 31134).

Aos professores na maior parte das vezes não cabe também o julgamento por não fornecerem o tempo suficiente para o lúdico. Dependem de tempo na grade, espaço, materiais e um controle sobre a turma, que se dá pela disciplina. Uma turma em que os alunos são muito agitados ou indisciplinados, dificilmente o professor levará atividades de forma livre ou que os deixem ainda mais agitados (CHAVES, 2013, p. 31137).

Porém, mesmo com todas as dificuldades que sabemos que existem atualmente, cabe por parte dos profissionais conscientizações deveriam por meio de propagandas, cartilhas; de uma forma geral com a população sobre a importância do brincar e da infância nas próximas gerações. Cabe ao profissional de psicologia auxiliar na promoção dessa conscientização, ressaltando a relevância desse artigo (CHAVES, 2013, p. 31137).

O papel do psicólogo está em promover o desenvolvimento do lúdico na terapia, onde o terapeuta e a criança brincam juntos, quando a criança não é capaz ou não sabe como fazê-lo o papel desse profissional é fornecer materiais para que essa criança saia desse lugar de não brincar, para um que é capaz de brincar. Através dessa forma, pode trabalhar questões que estão interiorizadas. (WINNICOTT, 1975, p. 59).

### 2.3 O LÚDICO NO PROCESSO TERAPÊUTICO

Freud foi o primeiro a se dedicar nos estudos do lúdico e sua relação com os processos psicológicos, através da observação de uma brincadeira de seu neto de 18 meses com um carretel amarrado a um barbante. Ele jogava e puxava de volta para si. Concluiu então que se tratava da angústia de separação da mãe, quando ela ia e voltava. Era a forma que ele tinha de controlar a situação. Logo, para Freud, através do brincar, a criança repete situações suas, sendo assim uma forma de domínio. (CUNHA, 2003, p.96-97).

No processo terapêutico com crianças, a entrevista com os pais é o primeiro passo, logo após a criança é trazida individualmente e através de recursos lúdicos questões são trabalhadas. Deve-se perguntar à criança se ela sabe o que faz ali e se acha que precisa. Esclarecendo como funciona o processo terapêutico, O material lúdico deve ser apresentado à criança, deixando que ela explore e brinque. Cabendo ao psicólogo o acolhimento, para que esta se sinta segura e possa se expressar de acordo com seu interior (CUNHA, 2003, p. 103).

Um caso clínico citado por Aberastury (1982, p. 70-71) é de uma menina de oito anos com dificuldade de aprendizagem, não sabia ler nem escrever. Com as primeiras sessões, foi constatado que ela não podia aprender, pois sua mãe tinha episódios

psicóticos, e como ela presenciou alguns deles, isso causava grande sofrimento na criança, gerado pelo ocultamento da verdade. Com o esclarecimento dado a ela, aos poucos começou a aprender conteúdos. A estratégia utilizada no processo terapêutico para que a criança contasse seus medos, dificuldade e experiências foi através do lúdico como brinquedos, papel e lápis.

Outro caso clínico foi comentado por Cunha (2003, p. 103), no qual um menino de seis anos tinha medo de dormir sozinho e no escuro. Através de brinquedos monta um cenário em que estava com os pais na cama e é castigado por um jacaré que o morde. Nisso fica evidente questões edípicas com a mãe e sua rivalidade com o pai, que impõe os limites e gera a angústia de castração.

Portanto, o lúdico é essencial no processo terapêutico, pois ali a criança se sente livre para expressar o que muitas vezes não consegue dizer verbalmente. De acordo com Cunha (2003, p. 97): “Através do brinquedo, a criança não só realiza seus desejos, mas também domina a realidade, graças ao processo de projeção dos perigos interno sobre o mundo externo.”. Ou seja, para o psicólogo, o lúdico fornece um material muito rico para trabalhar com a criança suas vivências.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo nos confronta sobre a infância da atualidade. As crianças não estão sendo tratadas com a devida importância no que se refere ao lúdico. Existe uma preocupação em abastecê-las com tecnologias, celulares de última geração, brinquedos eletrônicos, mas lhes falta o lúdico adequado. Enfim, a criança está sendo tratada muitas vezes como a voz de autoridade em casa, uma vez que escolhem o que querem comprar, vestir, usar, assistir.

É necessário um olhar de maior atenção para as crianças em desenvolvimento, fornecendo-lhes ambiente adequado para seu crescimento. Não somente o brincar em si, mas a atenção dos responsáveis e educadores para além de tirar um tempo para isso, deixar que a criança aprenda com o convívio com os colegas, de nada adianta a criança

brincar sozinha, pois o ambiente de interação oferece trocas fundamentais para seu desenvolvimento social.

Fornecer materiais e brinquedos que incentivem a criança a pensar, criar e interagir com outras crianças também é fundamental. Isso também pode ser desenvolvido no setting terapêutico, onde o psicólogo fornecerá materiais para a criança se expressar e desenvolver assim o lúdico.

### REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda. **Psicanálise da criança – teoria e técnica**. 8.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

ARIÈS, Philippe. **A história social da criança**. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARBOSA, Marielle Kellermann. **Viver conectado, subjetividade no mundo contemporâneo**. Ide (São Paulo), São Paulo, v. 35, n. 55, p. 89-101, 2013. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062013000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062013000100008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 7 de maio de 2018.

BORGES, Ana Lúcia Araújo. **A criança, o brincar e a interação entre pais e filhos**. Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 7, p.120-126, jan./dez. 2008. Disponível em: <[www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/20106/10738](http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/20106/10738)>. Acesso em: 10 de Mai. de 2019.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente, Câmara dos Deputados, **Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990**. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF, 1990.

CARNEIRO, Maria Angela Barbato. **O brincar hoje: da colaboração ao individualismo**. Campo Grande, 2012. Disponível em: <[http://www4.pucsp.br/educacao/brinquedoteca/downloads/o\\_brincar\\_hoje.pdf](http://www4.pucsp.br/educacao/brinquedoteca/downloads/o_brincar_hoje.pdf)>. Acesso em: 15 de Mar. de 2019.

CHAVES, Amanda Pires. **Ludicidade e família: o brincar e sua importância no contexto familiar**. Curitiba, 2013. Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7255\\_4225.pdf](http://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7255_4225.pdf)>. Acesso em: 18 de Mai. de 2019.

CUNHA, Jurema Alcides. **Psicodiagnóstico-V**. 5 a ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

CUNICO, Sabrina Daiana; ARPINI, Dorian Mônica. **A família em mudanças: desafios para a paternidade contemporânea**. Pensando fam., Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 28-40, jul. 2013. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2013000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 13 maio 2019.



MEIRA, Ana Marta. **Benjamin, os brinquedos e a infância contemporânea.** Psicol. Soc. Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 74-87, Dez. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822003000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822003000200006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 06 Abr. de 2019.

NAVARRO, Mariana Stoeterau. **O brincar na educação infantil.** Paraná, 2009. Disponível em: <[https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2693\\_1263.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2693_1263.pdf)>. Acesso em: 23 de Mai. de 2019.

OSANAI, Lidiane Shizue; OLIVEIRA, Marta Regina Furlan de. **As crianças e suas brincadeiras: um olhar na contemporaneidade.** Londrina: 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/jornadadidatica/pages/arquivos/III%20Jornada%20de%20Didatica%20-%20Desafios%20para%20a%20Docencia%20e%20II%20Seminario%20de%20Pesquisa%20do%20CEMAD/AS%20CRI-ANCAS%20E%20SUAS%20BRINCADEIRAS%20UM%20OLHAR%20NA.pdf>>. Acesso em: 20 de Abr. de 2019.

OSORIO, Luiz Carlos; VALLE, Maria Elizabeth Pascual do. **Manual de terapia familiar.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

PALMA, Míriam Stock. **Representações das crianças sobre o brincar na escola.** Revista Portuguesa de Educação, Braga, v.30, n.2, p.203-221, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpe/v30n2/v30n2a10.pdf>>. Acesso em: 31 de Mai. de 2019.

PARAVIDINI, João Luiz Leitão et al. **Nascimento psíquico e contemporaneidade: implicações metapsicológicas nos modos de estruturação subjetiva.** Rev. Mal-Estar Subj., Fortaleza, v. 8, n. 1, p. 195-224, mar. 2008. Disponível em: <[http://pepsic.bvsa-lud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482008000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsa-lud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482008000100010&lng=pt&nrm=iso)> . Acesso em 07 de maio de 2019.

PINATI, Carolina Taciana; LIMA, Mayara Lopes; SANTOS, Mônica Maylla Rosário; RIBEIRO, Gisele Aparecida; FONSECA, Rosânia Aparecida de Sousa; SANTOS, Marcelo. **Os jogos e brincadeiras na educação infantil.** Ciência et Praxis, v. 10, n. 19, 2017. Disponível em: <<http://revista.uemg.br/index.php/praxys/article/viewFile/2658/1505>>. Acesso em: 04 de Mai. de 2019.

QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; MACIEL, Diva Albuquerque; BRANCO, Angela Uchôa. **Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista.** Paidéia (Ribeirão Preto), v. 16, n. 34, p. 169-179, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n34/v16n34a05.pdf>>. Acesso em: 25 de Mai de 2019.

SANTOS, Geneí Gonçalves Ferreira. **A Importância do Brincar na Formação do Sujeito.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Edição 05. Ano 02, v.

1. p. 41-56, Julho de 2017. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/pedagogia/importancia-do-brincar>>. Acesso em: 14 de Mar. de 2019.

TEIXEIRA, Héliça Carla; VOLPINI, Maria Neli. **A importância do brincar no contexto da educação infantil: creche e pré-escola.** Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, v.1, n.1, p. 76-88, 2014. Disponível em: <<http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/31/04042014074001.pdf>>. Acesso em: 18 de Mai de 2019.

WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1975.